

Café da manhã dos campeões

Café da manhã dos campeões

Kurt Vonnegut

COM DESENHOS DO AUTOR

tradução de

André Czarnobai



Copyright © 1973 e copyright renovado em 2002 por Kurt Vonnegut Jr.

Todos os direitos reservados.

Tradução publicada mediante acordo com Dial Press, um selo da Random House, divisão da Penguin Random House LLC.

TÍTULO ORIGINAL

Breakfast of Champions

PREPARAÇÃO

Marina Góes

REVISÃO

Luiz Felipe Fonseca

João Sette Camara

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

ARTE DE CAPA

Túlio Cerquize

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V917c

Vonnegut, Kurt, 1922-2007

Café da manhã dos campeões / Kurt Vonnegut ; tradução de André Czarnobai. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.

400 p. : il. ; 21 cm.

Tradução de: Breakfast of champions

ISBN 978-85-510-0580-4

1. Ficção americana. I. Czarnobai, André. II. Título.

19-59843

CDD: 813

CDU: 82-3(81)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

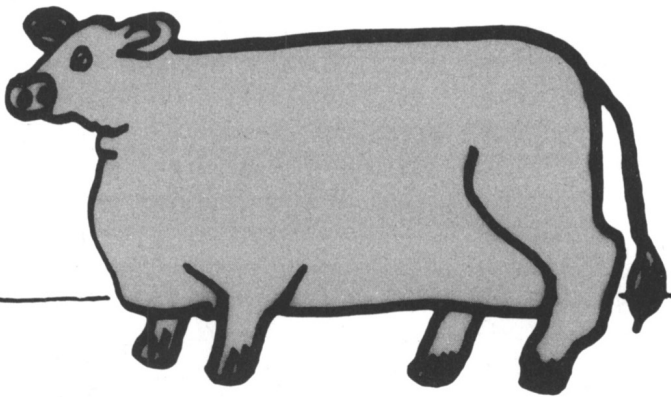


OR



GOODBYE
BLUE

MONDAY!



*Em memória de Phoebe Hurty,
que me consolou em Indianápolis durante a Grande Depressão*

“Mas ele conhece o caminho
por onde ando; se me puser à
prova, dela sairei puro como o
ouro”

- Jó, 23:10

Prefácio

A expressão “Café da manhã dos campeões” é marca registrada da General Mills, Inc., utilizada num cereal matinal. A expressão idêntica no título deste livro não tem a intenção de indicar um patrocínio da General Mills ou fazer uma associação, nem pretende ridicularizar seus ótimos produtos.



Este livro é dedicado a Phoebe Hurty, que, como se diz, não está mais entre nós. Ela era uma viúva de Indianápolis quando a conheci, no final da Grande Depressão. Eu devia estar com uns 16 anos. Phoebe tinha cerca de 40.

Phoebe Hurty era rica, mas como trabalhara todos os dias de sua vida adulta, permaneceu em atividade. Dava conselhos para os mal-amados em uma coluna

muito sensata e engraçada no *Indianapolis Times*, um bom e finalo jornal.

Finado.

Phoebe também escrevia os anúncios da William H. Block Company, uma loja de departamentos que funciona até hoje dentro de um prédio projetado pelo meu pai. Isso foi o que escreveu para uma liquidação de chapéus de palha ao final do verão: “Com preços assim, você pode usá-los como comida de cavalo ou adubo de rosas.”

• • •

Phoebe Hurty me contratou para escrever anúncios para marcas de roupas para adolescentes. Eu precisava usar as roupas, fazia parte do trabalho. E acabei ficando amigo dos seus dois filhos, que tinham a minha idade. Eu vivia na casa deles.

Ela falava obscenidades comigo e com os garotos, e também com as nossas namoradas quando a gente levava elas até lá. Era uma mulher engraçada. Sem amarras. Ela nos ensinou a ser insolentes falando não apenas sobre temas sexuais, mas também sobre história americana e seus heróis, sobre distribuição de renda, sobre a escola, e sobre tudo.

Atualmente eu ganho a vida sendo insolente. Não sou muito bom nisso. Sigo tentando imitar aquela impertinência que em Phoebe Hurty era muito graciosa. Hoje em dia acho que, para ela, ser graciosa era mais fácil

do que é para mim, por causa do clima da Grande Depressão. Ela acreditava em algo muito difundido entre os americanos naquela época: que seríamos uma nação feliz, justa e racional, assim que alcançássemos a prosperidade.

Nunca mais escutei essa palavra: *Prosperidade*. Costumava ser sinônimo de *Paraíso*. E Phoebe Hurty acreditou que suas insolências poderiam forjar os contornos de um paraíso americano.

Atualmente, esse seu estilo de insolência está na moda. Mas ninguém mais acredita no paraíso americano. Sinto muita saudade de Phoebe Hurty.

• • •

Quanto à suspeita a qual expressei neste livro, de que os seres humanos são robôs, máquinas: é importante ressaltar que pessoas, principalmente homens, padecendo dos últimos estágios de sífilis, sofrendo de ataxia locomotora, eram espetáculos comuns no Centro de Indianápolis e em circos quando eu era criança.

Essas pessoas estavam infestadas por bactérias parecidas com minúsculas molas carnívoras que só podiam ser vistas através de um microscópio. As vértebras das vítimas acabavam se colando depois que as molas consumiam toda a carne que havia entre elas. Os sífilíticos imprimiam uma tremenda dignidade — sempre aprumados, olhando para a frente.

Uma vez eu vi um deles na calçada da interseção das ruas Meridian e Washington, debaixo de um relógio pendurado que o meu pai havia projetado. Esse cruzamento era localmente conhecido como “A Encruzilhada dos Estados Unidos”.

Esse sifilítico estava muito concentrado, ali na Encruzilhada dos Estados Unidos, pensando em como faria para que suas pernas deixassem aquela calçada e o carregassem até o outro lado da rua Washington. Ele tremia levemente, como se tivesse um pequeno motor em marcha lenta dentro de si. O problema dele era o seguinte: seu cérebro, onde se originavam as instruções para as pernas, estava sendo comido vivo por molas. Ou já não havia isolamento nos fios que conduziam as instruções, ou os fios haviam sido inteiramente comidos. Os interruptores pelo caminho estavam travados na posição de ligado ou desligado.

O sujeito parecia ser muito, muito velho, embora devesse ter apenas uns 30 anos. Ele ficou ali, pensando e pensando. E então ele chutou duas vezes, como uma corista.

Para mim, uma criança na época, ele certamente parecia uma máquina.

• • •

Eu também costumo pensar nos seres humanos como tubos de ensaio enormes e flexíveis, cheios de reações químicas.

micas fervilhando por dentro. Quando eu era garoto, via muita gente com bócio. Assim como Dwayne Hoover, o vendedor de Pontiacs que é o protagonista deste livro. Aqueles pobres terráqueos tinham glândulas tireoides tão inchadas que pareciam cultivos de abóboras em suas gargantas.

Tudo o que eles precisavam fazer para levar uma vida normal, no fim das contas, era consumir menos de um grama de iodo todos os dias.

Até minha mãe destruiu o próprio cérebro com substâncias químicas que supostamente deveriam ajudá-la a dormir.

Quando eu fico deprimido, tomo um comprimidinho, e fico animado de novo.

E assim por diante.

Então é uma grande tentação para mim, quando crio um personagem para um romance, dizer que ele é o que é por causa de algum parafuso solto ou devido a quantidades microscópicas de substâncias químicas que ele ingeriu ou deixou de ingerir naquele dia em particular.

• • •

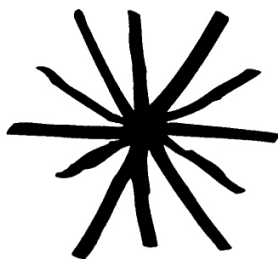
O que eu penso sobre este livro em específico? Eu o acho péssimo, mas eu sempre acho os meus livros péssimos. Meu amigo Knox Burger comentou comigo uma vez que certo romance complicado “parecia ter sido

escrito por Philboyd Studge”. É ele quem eu finjo ser quando escrevo o que aparentemente estou programado para escrever.

• • •

Este livro é meu presente de aniversário de 50 anos para mim mesmo. Sinto como se estivesse alçando ao cume de um telhado, tendo subido por um dos lados.

Fui programado para me comportar de forma imatura aos 50 anos — insultando o hino americano, desenhando bandeiras nazistas, e um cu e um monte de outras coisas com uma caneta com ponta de feltro. Para dar uma ideia do grau de maturidade das ilustrações que eu fiz para este livro, eis o meu desenho de um cu:



• • •

Acho que estou tentando tirar de dentro da minha cabeça todo o lixo que tem nela: cus, as bandeiras, as calcinhas. Sim, tem um desenho de uma calcinha neste livro. Estou

também me livrando de personagens dos meus outros livros. Chega de shows de marionetes.

Acho que estou tentando deixar a minha cabeça tão vazia quanto há cinquenta anos, quando eu nasci neste planeta defeituoso.

Suspeito que isso seja algo que a maioria dos americanos brancos, e dos americanos imitando os que são brancos, deveria fazer. As coisas que outras pessoas enfiaram a todo custo na minha cabeça não se encaixam muito bem, geralmente são inúteis e feias, sem proporção entre si e sem proporção com a realidade da vida fora da minha cabeça.

Não tenho cultura, nenhuma harmonia humana no cérebro. Mas não consigo mais viver sem uma cultura.

• • •

Então este livro é uma calçada abarrotada de lixo, um monte de porcaria que eu jogo por cima dos ombros enquanto viajo de volta no tempo, até o dia 11 de novembro de 1922.

Eu vou desembarcar numa época na minha viagem ao passado em que o dia 11 de novembro, que acidentalmente é o dia em que eu nasci, era uma data sagrada chamada *Dia do Armistício*. Quando eu era criança, quando Dwayne Hoover era criança, todas as pessoas de todos os países que haviam lutado na Primeira Guerra Mun-

dial ficavam em silêncio no décimo primeiro minuto da décima primeira hora do Dia do Armistício, que era o décimo primeiro dia do décimo primeiro mês.

Foi durante esse minuto em 1918 que milhões e milhões de seres humanos pararam de massacrar semelhantes. Conversei com idosos que estiveram nos campos de batalha naquele minuto. Eles me disseram que, de um jeito ou de outro, aquele silêncio repentino era a Voz de Deus. Então, ainda temos entre nós alguns homens que lembram de quando Deus falou claramente com a humanidade.

• • •

O Dia do Armistício se transformou no Dia dos Veteranos. O Dia do Armistício era sagrado. O Dia dos Veteranos não é.

Então vou jogar o Dia dos Veteranos por cima do ombro. Mas o Dia do Armistício eu vou guardar. Não quero jogar fora nada que seja sagrado.

Outra coisa que seja sagrada? Ah, *Romeu e Julieta*, por exemplo.

E todo tipo de música também.

PHILBOYD STUDGE